



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA**

**ICONICIDADE E PRODUTIVIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS: A DUPLA ARTICULAÇÃO DA LINGUAGEM EM
PERSPECTIVA**

VICTOR HUGO SEPULVEDA DA COSTA

**FLORIANÓPOLIS
JULHO DE 2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA DO USO**

**ICONICIDADE E PRODUTIVIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS: A DUPLA ARTICULAÇÃO DA LINGUAGEM EM
PERSPECTIVA**

VICTOR HUGO SEPULVEDA DA COSTA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística na Linha Gramática do Uso da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite

**Florianópolis
Julho de 2012**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa, Victor Hugo Sepulveda da Iconicidade e Produtividade na Língua Brasileira de Sinais: A Dupla Articulação da Linguagem em Perspectiva [dissertação] / Victor Hugo Sepulveda da Costa ; orientador, Tarcísio de Arantes Leite - Florianópolis, SC, 2012.

96 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3. Dupla Articulação da Linguagem. 4. Arbitrariedade. 5. Iconicidade. I. Leite, Tarcísio de Arantes. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

VICTOR HUGO SEPULVEDA DA COSTA

**Iconicidade e Produtividade na Língua Brasileira de Sinais:
A Dupla Articulação da Linguagem em Perspectiva**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística na Linha Gramática do Uso da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovado em 30 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tarcísio de Arantes de Leite
President e Orientador

Prof. Dr. Markus Weininger – PGT / UFSC
Membro

Profa. Dra. Aline Lemos Pizzio – PPGL/ UFSC
Membro

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura– PPGL / UFSC
Membro

Prof^a Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva – PPGL/ UFSC
Suplente

DEDICATÓRIA

*A minha grande mamãe Maria da Graça,
quem me passou a força de ser guerreiro e surdo pela causa de surdez,
e a minha filha Victoria Liza e o meu filho Carlos Eduardo, nossa força
de união, com todo amor e saúde.*

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos àqueles que me ajudaram a concluir esta dissertação:

- A Deus, que me deu força e sabedoria;
- A minha mãe Maria da Graça Sepulveda da Costa, irmãos Cesar Augusto Sepulveda da Costa e Carlos Augusto Sepulveda da Costa Junior, vovó Sebastiana Sampaio da Silva, tia Carmen Sepulveda de Lima, e tio Murilo Cesar de Lima pelo amor e confiança sempre;
- E ao casal de filhos eternos Victoria Liza e Carlos Eduardo, pela paciência nesses últimos anos dos estudos;
- A companheira Leticia Fernandes pelo eterno incentivo e puxões de orelha;
- Ao Prof. Dr. Tarcísio Leite por aceitar o desafio dessa orientação;
- A Profa. Ms. Aline Nunes de Sousa pelas críticas e sugestões nas discussões da qualificação;
- Aos Professores da Banca Examinadora Fábio Lopes, Markus Weininger, Heronides Moura, e Aline Pizzio por aceitarem o convite de analisar este trabalho;
- Aos Interpretess de Libras: Edgar Correa e Nathalia Rigo por aceitaram a interpretar no momento de greve da UFSC.

RESUMO

Esta pesquisa é uma investigação sobre o princípio da dupla articulação da linguagem nas línguas humanas, com foco sobre o modo como a produtividade e a economia se manifestam numa língua de sinais. Tradicionalmente, de acordo com o princípio da dupla articulação da linguagem, propõe-se que a formação de um sinal envolva três parâmetros principais, a configuração de mão, o movimento e a locação, que isoladamente não carregam significado mas que, quando combinados, permitem a criação de unidades com significado ou morfemas. A hipótese deste trabalho, porém, é a de que tais parâmetros tenham significados icônicos em princípio, e para explorar essa hipótese nós analisamos nesta pesquisa uma configuração de mão específica, conhecida mais tecnicamente como “gesto de pinçar” e mais popularmente como “gesto de OK”, investigando se a sua motivação em diferentes sinais poderia estar relacionada ao gesto instrumental de manipular objetos bem pequenos. Para fazer isso, todos os sinais compostos por essa configuração de mão foram selecionados de um dicionário digital da Libras e analisados. Apesar das limitações do corpus, os resultados sugerem que essa base icônica está de fato presente na língua de sinais, desse modo estimulando novas pesquisas sobre a motivação icônica dos sinais e seus elementos formacionais.

Palavras-chave: Língua brasileira de sinais; Dupla articulação da linguagem; Arbitrariedade; Iconicidade.

ABSTRACT

This research is an investigation on the principle of duality of patterning in human languages, with a focus on how productivity and economy is manifested in a sign language. Traditionally, following the duality of patterning principle, it is proposed that the formation of a sign involves three main parameters, hand configuration, movement, and location, which do not carry meaning in isolation but which allow for the constitution of meaningful units or morphemes when combined. The hypothesis of this work, however, is that such parameters do hold iconic meanings in principle, and to explore this hypothesis we analyse in this research a specific hand configuration, known technically as *precision grip* and more widely as the 'OK gesture', investigating whether its motivation in different signs could be related to the instrumental gesture of manipulating very small objects. In order to do that, all signs composed by this hand configuration were selected from a digital Libras dictionary and analysed. Despite the limitations of the corpus, results suggest that such iconic basis is indeed present in sign language, thus encouraging further research on the iconic motivation of signs and its formational elements.

Keywords: Brazilian sign language. Duality of patterning. Arbitrariness. Iconicity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Parâmetros do sinal SORRIR.....	31
Figura 2:	Sinal COMUNICAR.....	34
Figura 3:	Metáfora da comunicação como troca, implícita na figura apresentada em Sausurre (2006, p. 19).....	34
Figura 4:	Libras e ASL.....	36
Figura 5:	Parâmetros do sinal.....	38
Figura 6:	Sinal FAVOR3.....	39
Figura 7:	Morfologia da Libras (Quadros & Karnopp, 2004, p. 103).....	40
Figura 8:	Economia e produtividade na formação dos sinais....	40
Figura 9:	Continuum de Kendon.....	42
Figura 10:	Gestos Emblemas.....	44
Figura 11:	Verbo repetição ENTREGAR.....	47
Figura 12:	Verbo singular ENTREGAR.....	47
Figura 13:	Dicionário da Libras.....	49
Figura 14:	Busca pelas configurações de mão em Libras.....	50
Figura 15:	Os sinais (palavras) com a configuração de mão escolhida.....	50
Figura 16:	Resultado dos sinais que utilizam a configuração de mão pesquisada.....	51
Figura 17:	Sinal ÂNUS1 foi retirado.....	52
Figura 18:	Sinal OLIMPÍADAS foi retirado.....	52
Figura 19:	Sinal VÍNCULO foi retirado.....	52
Figura 20:	Sinal Polissêmico 1.....	53
Figura 21:	Sinal Polissêmico 2.....	54
Figura 22:	Sinal Polissêmico 3.....	55
Figura 23:	Sinal Polissêmico 4.....	56
Figura 24:	Sinal Polissêmico 5.....	58
Figura 25:	Sinal Polissêmico 6.....	59
Figura 26:	Sinal Polissêmico 7.....	60
Figura 27:	Sinal Polissêmico 8.....	61
Figura 28:	Sinal Polissêmico 9.....	61
Figura 29:	Sinal Polissêmico 10.....	62
Figura 30:	Sinal Polissêmico 11.....	62
Figura 31:	Sinal Polissêmico 12.....	63
Figura 32:	Sinal Polissêmico 13.....	66
Figura 33:	Sinal Polissêmico 14.....	67
Figura 34:	Sinal Polissêmico 15.....	68
Figura 35:	Sinal Polissêmico 16.....	68

Figura 36:	Sinal Polissêmico 17.....	69
Figura 37:	Sinal Polissêmico 18.....	70
Figura 38:	Sinal Polissêmico 19.....	71
Figura 39:	Sinais analisados.....	79
Figura 40:	Sinal Polissêmico 1 analisado.....	79
Figura 41:	Sinal Polissêmico 2 analisado.....	79
Figura 42:	Sinal Polissêmico 3 analisado.....	80
Figura 43:	Sinal Polissêmico 4 analisado.....	80
Figura 44:	Sinal Polissêmico 5 analisado.....	80
Figura 45:	Sinal Polissêmico 6 analisado.....	81
Figura 46:	Sinal Polissêmico 7 analisado.....	81
Figura 47:	Sinal Polissêmico 8 analisado.....	81
Figura 48:	Sinal Polissêmico 9 analisado.....	81
Figura 49:	Sinal Polissêmico 10 analisado.....	82
Figura 50:	Sinal Polissêmico 11 analisado.....	82
Figura 51:	Sinal Polissêmico 12 analisado.....	82
Figura 52:	Sinal Polissêmico 13 analisado.....	83
Figura 53:	Sinal Polissêmico 14 analisado.....	83
Figura 54:	Sinal Polissêmico 15 analisado.....	83
Figura 55:	Sinal Polissêmico 16 analisado.....	83
Figura 56:	Sinal Polissêmico 17 analisado.....	84
Figura 57:	Sinal Polissêmico 18 analisado.....	84
Figura 58:	Sinal Polissêmico 19 analisado.....	84
Figura 59:	Sinais motivados pelos gestos instrumentais.....	85
Figura 60:	Sinais motivados por metaforizações.....	87
Figura 61:	Sinais icônicos.....	89
Figura 62:	Sinal sem motivação.....	89
Figura 63:	Sinais compostos.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Onomatopéias.....	36
Tabela 2:	Lingua Portuguesa: Morfologia e Fonologia.....	40

LISTA DE SIGLAS

Libras – Língua Brasileira de Sinais

ASL – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)

CM – Configuração de Mãos

M – Movimento

L – Locação

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	23
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	29
2.1	Produtividade e Economia nas Línguas Naturais.....	29
2.1.1	O conceito de arbitrariedade.....	32
2.1.2	A dupla articulação.....	38
2.2	A Gestualidade e Iconicidade nas Línguas Naturais.....	41
2.2.1	Gestualidade.....	41
2.2.2	Iconicidade.....	45
3	METODOLOGIA.....	49
3.1	Corpus.....	49
3.2	Categorização dos Dados.....	52
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	73
4.1	Descrição dos dados.....	73
4.2	Discussão dos dados.....	85
5	CONCLUSÃO.....	93
6	BIBLIOGRAFIA.....	95

1 – INTRODUÇÃO

A linguística ocupa-se prioritariamente com o signo linguístico, suas formas de estruturação e uso. É uma ciência que estuda e busca descobertas sobre o funcionamento das diversas línguas e seus sistemas de comunicação, de forma empírica, e como elas se desenvolvem nos seres humanos que podem utilizar uma língua de modalidade visual-espacial e/ou oral-auditiva. Há estudos da linguística descritiva que podemos descrever simultaneamente no tempo a fala de uma língua para analisar as relações existentes entre os fatos em um estado da língua, além de fornecer dados que confirmam ou não hipóteses.

Tradicionalmente, os estudos científicos da linguagem têm o seu compromisso direto com a modalidade da língua escrita relacionada às línguas orais para desenvolver-se nos seres humanos que podem utilizar um sistema de comunicação, e ainda são muito fonocêntricos e até pessoas da área têm dificuldade de compreender e reconhecer a língua de sinais como uma língua natural de uma perspectiva fonocêntrica. É por meio do presente estudo que podemos mostrar que a língua de sinais pode nos ajudar a rever essas teorias linguísticas para contribuir para uma visão mais completa, mas o trabalho é apenas o início de uma discussão.

De 1955 a 1970, William C. Stokoe, norte americano, trabalhou como professor e chefe do departamento de inglês, na Universidade Gallaudet, dedicou grande parte de seu trabalho e publicou “Estrutura de Língua de Sinais” em 1960, e propôs a análise dos compostos simultâneos dos sinais em três parâmetros: configuração de mão (CM), locação de mão (L), e movimento (M). Essa publicação foi o reconhecimento das línguas naturais dos surdos e contribuiu para as pesquisas linguísticas que até então tinham como base apenas as línguas faladas. Stokoe foi o pioneiro nos estudos das línguas de sinais, além disso ampliou o escopo no campo dos pesquisadores linguísticos oferecendo mais possibilidades de descrições e explicações de línguas de sinais em relação às línguas orais.

Novos estudos científicos consideram as línguas de sinais tal como qualquer língua natural e mostram a importância do gestual e do icônico nas línguas faladas, importância essa que não era percebida pelo forte viés da modalidade escrita como principal instrumento de análise dos linguistas (Kendon, 2004). Os estudos exploram a disponibilidade para

as atividades de linguagem gestual em seres humanos, mesmo antes de adquirem comunicação oral e de utilizarem a linguagem escrita para se comunicar e o desenvolvimento da linguagem gestual e oral em paralelo demonstram que no processo de aquisição de língua natural o gestual não trará prejuízos a aquisição de uma língua oral.

Hoje em dia, aos poucos, os usuários de Libras aqui no Brasil começaram a participar como pesquisadores das línguas de sinais, no entanto, ainda temos poucos surdos lingüístas investigando a língua de sinais do seu país. Os pesquisadores de língua de sinais começam a rever os conceitos básicos da lingüística para observarem de que forma a teoria das línguas naturais pode dar conta dos aspectos visuais, espaciais e gestuais da comunicação, sem as bases fonocêntricas das línguas orais.

Os dois conceitos básicos principais que temos que abordar nesse trabalho tratam-se do conceito de arbitrariedade e do conceito de dupla articulação da linguagem.

Quanto ao conceito de arbitrariedade do signo, Ferdinand Saussure afirma abaixo:

“O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo lingüístico é arbitrário. [...] O significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.” (2006, p. 81e 83)

O mesmo conceito de arbitrariedade proposto por Saussure que estabelece um laço natural que une significante e significado pode ser compreendido quando observamos a língua de sinais e a motivação que parece integrar todos os sinais, quer sejam considerados arbitrários e/ou icônicos em relação similar a descrita por Saussure ao nomear as imagens acústicas como significantes que por sua vez designam significado (conceito) na formação do signo lingüístico. Queremos lembrar que não foi Saussure quem inventou o princípio da arbitrariedade, que ele próprio afirma não ser contestado por ninguém. Todos os signos, que sejam considerados arbitrários e/ou icônicos

permitem que uma nova observação proponha um novo olhar principalmente na análise das línguas de sinais que podem propiciar novas descobertas.

Martelotta (2010, p. 37) mostra como o conceito de dupla articulação se apresenta desde o século XIX e como os linguistas aceitam como verdade que a linguagem humana é articulada. Pode ficar mais clara a noção de articulação, como “constituído de membros ou partes”, então, afirmamos que a linguagem é articulada e pode ser desmembrada em partes menores. Tem dois tipos diferentes de articulações: a primeira articulação (morfologia) que é o estudo da combinação entre as unidades mínimas que formam as palavras significativas, e a segunda articulação (fonologia) que é o estudo da separação entre as unidades mínimas que mostram os fonemas e que não tem significado. Geralmente, apresentam-se as configurações de mão da língua de sinais como análogas aos fonemas das línguas orais, por constituírem unidades mínimas. Assim como os fonemas, cada configuração de mão não teria portanto significado, estando assim em relação de arbitrariedade. A partir de sua realização juntamente com os demais parâmetros de formação da língua de sinais é que ela constituiria os três principais parâmetros, passando a adquirir significado. A hipótese deste trabalho, porém, é de que pelo menos algumas configurações de mão tem origem em gestos instrumentais, de ação no mundo, e mantém relação icônica de certa semelhança com o conceito por causa das experiências humanas.

A geração do pensamento filosófico e lingüístico de Saussure desenvolveu-se com seus seguidores linguistas em todo o mundo que acreditam que os signos lingüísticos são puramente arbitrários e deixam a iconicidade de lado. Queremos então retornar a questão da iconicidade para estudar se ela contradiz a teoria da dupla articulação possibilitando a construção e interpretação de novos sinais de maneira econômica e produtiva.

Os conceitos básicos citados anteriormente aplicados nas línguas de sinais foram apresentados por Stokoe ao mostrar que as línguas de sinais também são articuladas e que podem ser desmembradas em partes menores que são as mãos (configurações da mão), que se movimentam (movimento) e articulam sinais em vários pontos (locações). A combinação destas unidades mínimas pode formar os sinais na língua de sinais.

Os pesquisadores Klima & Bellugi (1979) investigando a questão da iconicidade nas línguas de sinais, desenvolveram um experimento que consistia em apresentar alguns sinais para participantes que desconheciam a língua de sinais em questão e questionar sobre qual sinal acreditavam ser aquele com base na iconicidade do mesmo. Os resultados apresentados os levaram a concluir que os sinais embora sejam icônicos, são também arbitrários. Iconicidade e arbitrariedade, portanto, não são conceitos opostos como tradicionalmente se apresenta.

Várias abordagens linguísticas têm outros olhares sobre arbitrariedade e iconicidade tais como aqueles apresentados pela linguística funcionalista, linguística cognitiva, estudos da gestualidade e iconicidade e muitos estão revendo os conceitos básicos citados anteriormente aplicados nas línguas de sinais. Essas abordagens mostram que a iconicidade tem um papel importante em todas as línguas naturais e que a gramática das línguas é essencialmente motivada.

Os estudos da gestualidade com línguas faladas têm mostrado a importância de gestos manuais, expressões faciais e corporais e uso do espaço atuando conjuntamente ao uso da fala. Os estudos da gestualidade nos permitem analisar sobretudo a relação entre língua e gesto e a relação entre língua e cognição.

No campo das línguas de sinais, Taub (2000), mostra que diferentes aspectos do conceito motivam a construção de um signo no léxico e na gramática e aponta a existência de um processo modelo de construção de análogos responsável pela produção de vários signos nas línguas de sinais e que se aplica também ao processo de construção de signos icônicos nas línguas orais. De acordo com a proposição de Taub, qualquer representação do signo está associada a um referente no universo conceitual e a motivação ocorre do significado para o significante.

Esta pesquisa pretende investigar a iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais (Libras) a fim de perceber o como o conceito de dupla articulação da linguagem se aplica a essa língua. Pelo que os estudos apontam toda língua de sinais apresenta dupla articulação, ao passo que a segunda articulação separa as unidades mínimas entre os parâmetros da língua de sinais e a partir dessas unidades mínimas podem ser formados um número infinito de sinais com diferentes significados.

Porém, este estudo aponta que essas unidades mínimas, particularmente a configuração de mão, estão ligadas uma questão de motivação.

A presente pesquisa toma por base o uso de uma configuração de mão em língua de sinais, buscando sua motivação, tentando com isso encontrar informações específicas que permitam entender essa motivação, semelhante ao que foi apresentado no estudo de Kendon (1995) que trabalhou com análise do gesto específico conhecido como gesto de pinçar, em que indicador e polegar estão unidos formando um anel, enquanto os demais dedos estão distendidos. Kendon demonstrou que esse gesto no discurso em italiano está associado a sentidos pragmáticas, como noções de “cuidado”, “precisão” e “exatidão”, que segundo ele seriam metaforizações do gesto instrumental de pinçar, usado para pegar e operar com objetos muito pequenos.

Nesta pesquisa, então, pretendemos demonstrar que as línguas de sinais, por não fazerem uso da dimensão sonora da língua, exploraram ao máximo a iconicidade e produtividade de configurações de mão como essa, combinando-a com diferentes movimentos e pontos de articulação para produzir inúmeros sinais com sentidos concretos e abstratos. Considerando que a configuração de mão é uma unidade mínima produtiva das línguas de sinais, essa reflexão nos leva a colocar a dupla articulação da linguagem numa perspectiva crítica. Assim, essa pesquisa pode nos ajudar a rever a importância da arbitrariedade, da iconicidade e da dupla articulação nas línguas naturais.

2. - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. PRODUTIVIDADE E ECONOMIA NAS LÍNGUAS NATURAIS

Todas as línguas naturais, como o português ou a libras, são formas de linguagem desenvolvidas naturalmente pelos seres humanos. Existe a diferença entre os termos “linguagem” e “língua”. Saussure afirma que o termo “linguagem” é a capacidade humana de produzir e compreender sistemas de signos e “língua” o principal sistema de signos estruturado, a associação entre significante (imagem acústica / visual) e significado (conceito) forma os signos de uma língua o que permite aos seres humanos se comunicarem e manterem as relações sociais.

Tradicionalmente, as línguas de sinais não eram consideradas línguas naturais, um sistema linguístico com todos os aspectos da linguagem humana. Eram vistas como mímica, pantomima e gestualidade universal ao longo dos estudos filosóficos e linguísticos tradicionais. A exemplo, um dos principais filósofos gregos, Aristóteles, afirma: “A audição, dentre todos os sentidos, era o que mais contribuiria para a inteligência e o conhecimento, já que o som da fala servia como o veículo do pensamento” (Lane, 1989 apud Lukkin 2000, p.49). Outros filósofos também acreditavam que a língua de sinais, em uma perspectiva fonocêntrica, era incapaz de articular uma fala compreensível:

Nos debates filosóficos dos séculos XVII ao XIX, a surdez aparece como um dos paradigmas da questão dos limites entre humanidade e animalidade. Os surdos colocaram em questão o caráter fonológico da linguagem e o fonocentrismo aristotélico que lhe é inerente. Antes que a ciência e a filosofia reconhecessem outra modalidade da linguagem que a oralidade, os surdos foram percebidos como seres desprovidos de linguagem e como tais, associados a uma animalidade que rompia com a ordem do vivente. Contudo, a referência ao caráter bestial dos surdos não tem sido monolítica e o reconhecimento mais ou menos explícito do estatuto comunicacional dos sinais utilizados pelos surdos variou ao longo dos séculos (BENVENUTO, 2006, p.230).

Quadros & Karnopp (2004, p. 31-37), baseadas em pesquisas realizadas em diversos países sobre o status linguístico das línguas de sinais, apresentam algumas concepções inadequadas em relação à língua de sinais. Entre essas concepções equivocadas, está a de que a língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos; a de que haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas; e as línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.

Estudos filosóficos e linguísticos evidenciam que as línguas de sinais são equivalentes em relação às línguas de modalidade oral/auditiva, portanto confirmam a ideia apresentada pelas autoras.

Sabemos que seres humanos podem utilizar uma língua de modalidade visual-espacial ou oral- auditiva, como a língua de sinais ou a língua falada respectivamente. Nas línguas de sinais os aspectos relacionados ao visual-espacial se potencializam, independente de bases fonocêntricas.

Utilizando como base a teoria linguística estruturalista, Stokoe (1960) descobriu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os aspectos da linguagem humana como língua natural. Desse modo, não seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta; tão pouco uma língua de sinais universal; e, ainda, a língua de sinais processaria todas as informações linguísticas.

Não é comum encontrarmos referências acadêmicas que abordem a questão da universalidade das línguas orais. Cada país tem sua própria língua e cultura. Se um ouvinte americano quer comunicar com um ouvinte brasileiro, precisará aprender o português, de mesma forma como um surdo brasileiro precisa aprender língua de sinais americana – ASL – para comunicar com um surdo americano. Stokoe foi o primeiro a investigar sobre a estrutura da língua de sinais e demonstrar que ela também era uma língua articulada. Para isso, analisou os sinais com base em três parâmetros, os quais formariam um número limitado de combinações com localizações e movimentos constituindo os componentes básicos de sinais.

Para exemplificar, trazemos a diferença de modalidade entre as línguas apartir da descrição fonológica de CASA (língua portuguesa) e SORRIR (em libras).

LÍNGUAS ORAIS	LÍNGUAS DE SINAIS
Modalidade oral/auditiva: A palavra “casa” [ˈkaza] → envolve quatro fonemas que são unidades mínimas e dessas unidades são produzidas pelo som e recebida pela audição.	Modalidade espaço/visual: Sinal “SORRIR” (Figura 1 abaixo) → envolve três parâmetros que são a configuração de mãos (CM) em L, movimento (M) oscilatório da mão e locação (L) na região do queixo, e essas unidades mínimas são produzidas pelas mãos e recebidas pelos olhos.



Figura 1: Parâmetros do sinal SORRIR

Para compreendermos se um sinal é arbitrário e/ou icônico, torna-se fundamental iniciarmos por entender a combinação dos três parâmetros de Stokoe. No nível fonológico, os parâmetros se combinam para formar o sinal, de modo que esse sinal precisa ser formado a partir de no mínimo dois dos três parâmetros existentes.

Nesse nível, a teoria tradicional diz que cada parâmetro não é em si significativo (Ferreira Brito, 1995), como no exemplo do sinal de SORRIR, em que a configuração de mão (CM igual a da Letra “L” do alfabeto manual) isolada não expressa significado, mas que se tomada no conjunto dos parâmetros que o constitui torna-o significativo. No nível morfológico, os morfemas podem então se unir para formar sinais mais complexos na língua de sinais. Esse mesmo item lexical pode então criar novos sinais a partir da combinação de morfemas. Como no exemplo do sinal DUAS-HORAS que possui um morfema significando

a “passagem de tempo” e outro morfema significando a “quantidade de horas” (o número dois)

Hoje, os pesquisadores de língua de sinais começam a rever os conceitos básicos da linguística, de modo que a teoria das línguas naturais também dê conta dos aspectos visuais, espaciais e gestuais da comunicação. Neste trabalho, porém, damos enfoque apenas à fonologia¹ e à morfologia para estudar os signos linguísticos associados à visualidade com o objetivo também de propor uma nova perspectiva sobre a dupla articulação da linguagem a partir da discussão proposta acerca da “iconicidade” e da “produtividade” na língua de sinais.

2.1.1. O conceito de arbitrariedade

Apresentamos a arbitrariedade a partir da visão do linguista Saussure, o qual destaca que os signos são uma união entre significado e significante e que estes estão numa relação de arbitrariedade. Para isso, podemos trazer o exemplo, “casa” e “house”, em português e inglês respectivamente, evidenciando que para a representação de um signo com mesmo significado existem diferentes significantes. O autor declara que em função da convenção de um grupo de indivíduos uma palavra passa a ser usada em certos ambientes de comunicação. Ele esclarece ainda que o termo “iconicidade” está comumente relacionado à realização de onomatopeias²; assume a existência da motivação na língua ainda que essa convenção exista, como no caso do nível morfológico em que através do processo de derivação podemos identificar a existência de itens motivados.

¹ Neste trabalho, não será feita uma exposição geral sobre a gramática das línguas de sinais, mas é importante destacar que o termo fonologia é usado, porém sem relação direta com som. A fonologia é um nível mais abstrato, que estuda fonemas como “imagens psíquicas” de base sonora ou visual e que são mais abstratas do que o som. Por isso, mantemos o uso do termo “fonologia”, embora o componente “fona” já revele como a linguística tem sido fonocêntrica. O leitor que quiser ter uma visão geral dos níveis da gramática na língua de sinais em relação e uma discussão crítica da gestualidade, ver o capítulo 1 de Leite (2008).

² O termo onomatopeia designa as estruturas sonoras que “reproduzem” o som de determinados referentes. A exemplo temos o “miar” que em português designa o som emitido pelo gato.

As pesquisas em linguística sempre se dedicaram ao estudo das línguas de base sonora, sem preocupação sobre os elementos de gestualidade que tradicionalmente não eram abordados como parte do sistema linguístico, excluindo assim as línguas de sinais como objetos de estudo. Pesquisadores como Kendon (1995), porém, já mostram a relação da gestualidade e sistema linguístico.

Novos estudos científicos que tratam de língua natural trazem a iconicidade nas suas reflexões, com o termo iconicidade designando um vínculo ou relação de similaridade entre o representante e aquilo que ele representa conceitualmente. Martelotta (2010) expõe que a discussão entre iconicidade e arbitrariedade não é recente, se inicia na tradição filosófica dos gregos onde há um debate na conhecida obra Crátilo entre a posição naturalista, de Platão, e a posição culturalista, de Aristóteles acerca da iconicidade dos signos.

O filósofo norte-americano Charles Peirce também explora os diferentes tipos de signos e apresenta três tipos, que são o símbolo, o índice e o ícone. O símbolo tem uma relação entre dois elementos inseparáveis com a força de uma lei/convenção que determina a interpretação desse mesmo símbolo (por exemplo, a “porta” é um símbolo de “entrada e saída”). O índice apresenta uma relação natural, em que o elemento representado foi realmente afetado pelo que representa (por exemplo, o sintoma é o índice de uma doença). O ícone designa uma relação de similaridade entre representante e representado (a imagem da lixeira no computador representa o local onde os arquivos que não tem mais importância são depositados). São possíveis vários tipos de combinações entre essas características, por exemplo, um símbolo pode também ter características icônicas.

As palavras, em línguas naturais, podem apresentar motivação com base na visão Saussuriana, quais sejam, a motivação fonética, motivação morfológica e motivação semântica (Martelotta, 2010). A primeira é explorada no campo da estilística e no estudo do simbolismo sonoro (Nuckolls, 1999) e também pode ser ilustrada com algumas ~~na~~ onomatopeias como “cocorocó”, “cochichar”, entre outros. A motivação morfológica sempre busca a relação de similaridade na formação das palavras, por exemplo, a palavra “sapateiro” foi motivada morfológicamente porque sapat- é radical de “sapato” e “-eiro” é sufixo de designativo de profissão. Já a motivação semântica tem como base a relação dos processos analógicos aos sentidos das palavras, por

exemplo, na palavra “cabeça de prego”, cabeça designa a parte do corpo nessa expressão.

O conceito de metáfora (Lakoff e Johnson, 2002), de um modo geral, revela a motivação nas projeções metafóricas ou metonímicas entre os domínios conceituais. Metáfora introduz a comparação por relações associativas, metonímicas e se caracteriza por uma relação de contiguidade entre o sentido primeiro e o sentido novo. Na metáfora “o homem é o cérebro da família”, a palavra “cérebro” foi utilizada para designar “chefe”, analogia que se sustenta pelo fato de entendermos que é o cérebro que domina o corpo. Na expressão metonímica, “Carlos comeu um prato todo”, não significa que Carlos comeu o objeto em si, mas sim o seu conteúdo. Lakoff e Johnson (2002) afirma que é da natureza essencial do nosso sistema conceptual compreender e experienciar uma coisa em termos de outra e que por isso a metáfora não apenas é uma figura literária, mas um elemento essencial da linguagem comum do dia-a-dia. Um exemplo na Libras seria o sinal COMUNICAR (ver figura 2 abaixo), também estudado por Taub na ASL (2000, p. 39-43) o qual é feito com um movimento alternado das mãos entre os interlocutores que indica o entendimento de comunicação como “troca” (ver figura 3 abaixo), assim como foi demonstrado nas línguas orais (Reddy, 1979).



Figura 2: Sinal COMUNICAR

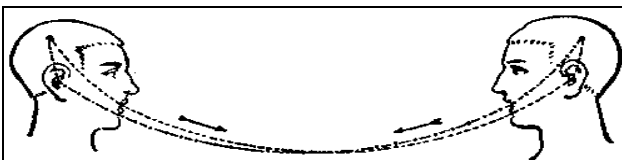


Figura 3: Metáfora da comunicação como troca, implícita na figura apresentada em Sausurre (2006, p. 19)

Pesquisas realizadas por Klima & Bellugi (1979) mostram que os resultados quando alguns sinais icônicos foram retirados de um dicionário da língua de sinais americana (ASL) para serem apresentados a cinquenta ouvintes que não conheciam a ASL. Constataram que a grande maioria dos participantes não compreendeu os sinais, o que mostra que esses sinais icônicos não são transparentes e podem também ser considerados arbitrários. Os autores também compararam os sinais em diferentes línguas de sinais, e demonstraram que, assim como as onomatopéias, eles variam de país para país e, portanto, são convencionais e qual convenção será adotada é algo arbitrário. Comparar os sinais e onomatopéias em línguas diferentes fornece um bom argumento a favor da arbitrariedade³.

Assim, Klima & Bellugi provaram que as línguas de sinais não são uma língua universal por causa da arbitrariedade e que cada língua de sinais diferente possui uma convenção. Esses estudos favorecem o entendimento de que arbitrariedade e iconicidade não são conceitos opostos, mas devem ser entendidos como se fossem um contínuo: alguns sinais são mais icônicos e menos arbitrários, outros mais arbitrários e menos icônicos. Em alguns sinais, pode ser muito difícil encontrar qualquer motivação; em outros a motivação pode ser bastante visível mesmo para quem não fala a língua, dependendo da experiência compartilhada. Estudando as línguas de sinais podemos manter então a hipótese de que os sinais são essencialmente motivados, mas essa motivação pode se perder ao longo do tempo com o uso da língua e a mudança na experiência social dos usuários (Frishberg, 1975; Diniz, 2010).

Por muito tempo, acreditou-se que as línguas de sinais não eram línguas devido ao número de iconicidade em que nela se encontra, mas essa afirmação não é verdadeira. Nas línguas de sinais temos sinais mais icônicos ou mais arbitrários, os mais icônicos podendo perfeitamente representar conceitos abstratos quando são usados metaforicamente. Vejamos um exemplo de sinais e onomatopéias abaixo com base nos estudos de Klima & Bellugi e Ferreira Brito (1995) já citados anteriormente:

³ Embora esse argumento seja em certo sentido falho porque ignora que os sentidos nunca são exatamente os mesmos de uma língua para outra.



Figura 4: Libras e ASL

ONOMATOPEÍAS	
L. PORTUGUESA	INGLÊS
Cocorocó	Cock-a-doodle-doo

Tabela 1: Onomatopéias

Podemos recuperar um conceito e uma forma dos sinais icônicos a partir do signo linguístico com o processo de construção de sinais fazendo uso de recursos icônicos e do modelo de construção de análogos de Taub (2000) que sempre envolve três dimensões distintas: seleção de imagem, esquematização e codificação. Para a autora, a seleção de imagem envolve a escolha de uma imagem que carrega todas informações com todo conhecimento enciclopédico que ela pode representar numa língua, seja esta de modalidade oral-auditiva (línguas orais) ou visual-espacial (línguas de sinais). Na segunda dimensão, a esquematização, o elemento que representa aparece simplificado, reduzido apenas a alguns traços muito gerais e representativos do todo; e na última dimensão, da codificação, observamos o uso dos recursos fonéticos específicos de cada língua para fazer a representação do conceito. Taub destaca que essas dimensões não são feitas linearmente, uma após a outra, mas que todas elas estão simultaneamente presentes em qualquer signo icônico.

Vamos analisar cada fase de construção do sinal CASA em Libras a partir do modelo de análogos (apresentando na Figura 4). Como a primeira dimensão, se tem uma imagem selecionada. Sabemos que uma casa é construída de uma base, um chão, feita com materiais como ferros, madeiras, cimentos, entre outros. Também pode ser construída em várias formas: circular, losangular, quadrangular, triangular, etc. Para ser representado numa língua de sinais, porém, o sinal CASA

apenas seleciona o elemento do telhado e num formato específico triangular. Na segunda dimensão, da esquematização, considera-se que todas as casas (em que moram seres humanos) possuem vários tipos de formato de telhado, com curvaturas, chaminés e outros, mas no caso em questão cada mão representa apenas o modo como um telhado se junta com o outro, sem maiores detalhes. A última dimensão, da codificação, codifica e convencionam o sinal utilizando a configuração de mão equivalente “B” do alfabeto manual, um recurso fonético da libras que pode ou não estar presente em outras línguas de sinais. Assim, por meio desses três processos podemos entender porque os sinais em diferentes línguas de sinais podem ser icônicos, porém não transparentes. A iconicidade indica apenas relação de similaridade, mas o signo não é transparente, pois o processo de construção de análogos é feito arbitrariamente pelos usuários, isto é, não pode ser previsto em sua totalidade.

Há estudos em andamento que aprofundam esses aspectos dos sinais mais arbitrários e mais icônicos, porém, existem outros pontos que não foram citados que precisam ser estudados.

Nas línguas de sinais também temos os sinais polissêmicos. Polissemia vem do grego poli (muitos) e sema (significado) indicando o signo que, apesar de apresentar uma única forma, possui vários significados e necessitam de um contexto para serem compreendidos. Por conta disso, Bakhtin (2004, p.95) afirma: “*A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou de um sentido ideológico ou vivencial.*”. Na Libras temos o exemplo do sinal OPINIÃO, que, como veremos na análise dos dados, apresenta muitos significados distintos tais como “som”, “alarme”, “opinião”, entre outros significados distintos que só poderão ser apreendidos através do contexto que se fala.

Assim, podemos concluir por essa discussão que o princípio da arbitrariedade do signo, que caracteriza as línguas humanas, não é incompatível com o princípio da iconicidade. Na línguas de sinais, a forte iconicidade não deixa de ser marcada por uma convencionalidade, e os sinais não são transparentes ao contrário do que tradicionalmente se pensa. Nas línguas orais, vários estudos apontam que a motivação e a iconicidade estão presentes não apenas no léxico, mas também na gramática. Todas essas questões não apenas demonstram que o estudo da iconicidade precisa ser aprofundando para ser melhor compreendido, mas também que o conceito da dupla articulação, sobre o qual nos debruçaremos na próxima seção.

2.1.2. A dupla articulação

Apresentamos o conceito de dupla articulação a partir dos exemplos da Língua Portuguesa a seguir:

As casas são bonitas.

Há várias formas de dividir a sentença até que se chegue às unidades mínimas sem significado. Num primeiro nível, podemos segmentar a frase em suas palavras constitutivas:

As / casas / são / bonitas

Em seguida, podemos continuar analisando as palavras para descobrirmos que existem várias unidades morfológicas e que ela pode ser dividida em elementos menores.

A/s	casa/s	bonita/s
A/∅	casa/∅	bonita/∅

Por fim, ainda podemos dividir os morfemas em unidades fonológicas para compreender que isoladas não têm significados.

Bonita: /b/, /o/, /n/, /i/, /t/, /a/

A seguir trazemos o mesmo processo produtivo de articulação da linguagem na Libras com base nos parâmetros fonológicos de Stokoe (1960).


SINAL	PARÂMETROS
	Configuração de mãos (CM) → B
	Movimento (M) → Toque 2 x
	Locação (L) → ESPAÇO NEUTRO

Figura 5: Parâmetros do sinal

O sinal da imagem se constitui de três parâmetros independentes; cada um deles representa a unidade mínima. A fonologia estuda cada

parâmetro que isolado não constitui significado, mas que ao se combinar com outros parâmetros produtivamente forma sinais com significado. Na morfologia tem-se a combinação dos três parâmetros para formar o sinal com significado, de modo que se houver a mudança dos parâmetros cria-se outro significado.

Nas análises tradicionais é argumentado que o parâmetro de configuração de mão (fonema) não tem significado, porém ao ser combinado com os demais parâmetros adquire significado (Quadros & Karnopp, 2004). Embora a configuração de mão em “B” possa ser icônica neste sinal CASA, a mesma configuração é usada em outros sinais que não têm iconicidade evidente, como é o caso de FAVOR3 (apresentado na Figura 6). Assim, os linguistas argumentam que as configurações de mão em si não têm significado. Na hipótese desta pesquisa, porém, nosso argumento é o de que podemos encontrar diferentes tipos de motivação em cada um dos parâmetros das línguas de sinais e que, na maioria dos casos, essa motivação pode ser identificada. Vamos demonstrar esse argumento explorando a motivação da configuração de mão referente ao gesto comunicativo popularmente conhecido como “OK”, por sua vez relacionado ao gesto instrumental de pinçar (Kendon, 1995). Devido a essa relação, essa configuração de mão por si só já é significativa por causa da experiência humana em que o gesto instrumental de unir o polegar e o indicador serve para pegar e manipular coisas pequenas e delicadas.



Figura 6: Sinal FAVOR3

A teoria linguística afirma que a dupla articulação favorece a economia e produtividade dos sinais. Apresentamos alguns exemplos: o primeiro em língua portuguesa e em seguida na língua de sinais, a fim de esclarecermos sobre processo de combinação nas línguas, que permite a produção e economia das palavras.

LÍNGUA PORTUGUESA	
MORFOLOGIA	FONOLOGIA
Casado → Casada	/BOLA/ X /BALA/
Duas palavras diferentes em que só mudou um morfema para designar feminino, revelando um processo econômico de combinação de morfemas	Duas palavras diferentes em que só mudou um fonema para mudar a palavra, revelando um processo econômico na formação dos morfemas

Tabela 2: Língua Portuguesa: Morfologia e Fonologia



LIBRAS	
MORFOLOGIA	
	
Tem dois sinais diferentes em que se formam o sinal composto para designar outro significado, revelando um processo de formação de sinais compostos	

Figura 7: Morfologia da Libras (Quadros & Karnopp, 2004, p. 103)

LIBRAS	
	
Tem dois sinais diferentes que só mudou um dos parâmetros dos sinais a locação então faz a parte de um processo econômico da formação dos sinais.	

Figura 8: Economia e produtividade na formação dos sinais

Apresentamos brevemente a diferença da dupla articulação entre língua portuguesa e língua de sinais. Afirmamos que conceitos básicos e importantes citados anteriormente aplicados nas línguas naturais

também se aplicam às línguas de sinais. Que a combinação das unidades mínimas dos parâmetros forma o sinal na língua de sinais e que cada unidade mínima pode produzir vários significados se alterado apenas um dos parâmetros, de modo que assim temos a economia e produtividade na língua. Permanece em aberto, porém, a questão de a arbitrariedade de a arbitrariedade do signo – o caráter imotivado dos fonemas – ser ou não um aspecto central para o processo de produtividade e economia nas línguas, pois nas línguas de sinais esse processo produtivo e econômico está presente mesmo diante da forte iconicidade de seus parâmetros.

2.2. A GESTUALIDADE E ICONICIDADE NAS LÍNGUAS NATURAIS

2.2.1 Gestualidade

Após anos de trabalho e investigação de Stokoe (1960), passou-se a considerar as línguas de sinais como línguas naturais e como parte dos estudos linguísticos, independente do caráter fonocêntrico do estudo das línguas orais, comprovando o status linguístico das línguas de sinais. Quando estudamos as línguas orais além do seu caráter fonocêntrico, porém, percebemos que nelas também se podem utilizados gestos com funções importantes, pois os gestos e os discursos formam uma contiguidade bimodal que como um todo transmitem o conteúdo da mensagem.

Novos estudos de línguas orais mostram a importância do gestual e do icônico nas línguas orais, que não eram percebidas pelo forte viés da escrita como ferramenta de análise do linguista, o que dificultou a evolução dos estudos dos gestos no campo do estudo linguístico. Os trabalhos McNeill (1992) e Kendon (2004) sobre gestos são considerados referências básicas sobre os avanços nos estudos de línguas orais e gestos no processo de conceitualização.

É interessante abordarmos a reflexão sobre a diferença entre gestos e línguas de sinais de Kendon (2004). Este esclarece que os gestos são encontrados nos fenômenos naturais que envolvem a comunicação humana e se expressam através das mãos e expressões corporais, transformados por processos em signos socialmente compartilhados.

As línguas de sinais, de outro modo, são uma convenção que vão dos gestos à língua, de acordo com os critérios do “continuum” de McNeill (2000) que mostra a diferença entre os tipos de gestos menos

convencionais e estruturados e mais dependentes do contexto, próximo ao pólo da gesticulação, e os gestos mais convencionais e mais estruturados e independentes do contexto, próximo do polo da línguas de sinais à direita (ver figura 8 abaixo).

Gesticulação → Pantomima → Emblemas → Língua de Sinais

Figura 9: Continuum de Kendon

Correa (2007, p. 38) apresenta a definição e exemplifica os quatros tipos de gestos de que tratam Kendon conforme resumo abaixo:

- **Gesticulação:** é a produção gestual concomitante ao discurso falado. São movimentos neuro-musculares produzidos pelas mãos, braços, face e corpo e não obedecem a nenhum sistema de restrições. Exemplo: “puxei a porta com força”, a ação imaginária de puxar a porta realizada no espaço a sua frente, indicando com que firmeza executou a ação. Logo abaixo veremos diferentes tipos de gesticulação que foram estudados por McNeill (1992).
- **Pantomima:** não ocorre junto com o discurso e nem segue restrições formais e também não faz parte da convenção de uma língua. Exemplo: imitar a ação real de escovar os dentes.
- **Emblemas:** gestos comunicativos convencionalizados por uma comunidade que lhe deu um significado, tendo características linguísticas porque possuem critérios claros de boa formação. A exemplo, citamos o gesto ‘positivo’ (polegar levantado e demais dedos fechados unidos à palma) que, na cultura brasileira, significa ‘tudo bem’, uma confirmação gestual de aceitação ou acordo, ou o aceno de cabeça para cima e para baixo para indicar afirmação, dentre outros.
- **Línguas de Sinais:** é um sistema linguístico plenamente convencionalizado e estruturado que é realizado na mesma modalidade em que os gestos se realizam. Possui itens lexicais e uma gramática como qualquer outra língua natural e por isso não pode, como a pantomima, co-ocorrer com a fala oral.

Estudando a “gesticulação”, que são os gestos que co-ocorrem com a fala nas línguas orais, McNeil (1992) propôs a relação entre gestos e

fala. Criou uma relação tipológica dos gestos classificando-os em gestos icônicos, gestos metafóricos, gestos rítmicos e gestos dêiticos. Gestos icônicos representam os objetos físicos concretos, por exemplo, a pessoa está usando as mãos para mostrar como algo é alto ou baixo; gestos metafóricos representam objetos abstratos metaforicamente, fazendo uso de algum gesto icônico relacionado ao conceito abstrato, por exemplo, quando um narrador diz como um evento “demorou para acontecer” e faz o gesto lentamente da esquerda para direita, metaforizando o tempo em termos de espaço; gestos rítmicos (*beats*) são gestos dos articuladores manuais ou outros corporais que ajudam a cadenciar o ritmo da fala; gestos dêiticos são movimentos de apontar, por exemplo, a pessoa está falando sobre algo em sua casa e aponta para o objeto de que fala, o que também pode acompanhar as palavras como “aqui” ou “lá” do discurso.

Nesses estudos, vemos que a gestualidade desempenha um importante papel nas línguas naturais, inclusive nas línguas orais, mas que não foi reconhecido na tradição da linguística. Podemos pensar que quando os seres humanos nascem para conhecer o mundo passam a produzir sentidos através das experiências humanas como ver as imagens, respirar o ar, ouvir os sons dos animais, comer as frutas e tocar as coisas. A gestualidade ganha a sua significação antes de tudo nessas experiências do corpo em interação com o mundo e por isso separá-la dos processos linguísticos e comunicativos torna-se arbitrário.

Em suas pesquisas sobre língua e gesto, Wilcox (2004a) identificou duas razões pelas quais os gestos são incorporados nas línguas de sinais. Ele demonstrou, por exemplo, que um gesto para indicar força (mãos cerradas como se estivesse fazendo força) entrou na língua e passou a ser um item lexical dela, significando “força física”, “poder”. Através de um processo de gramaticalização, esse sinal passou para um item modalizador, como “Você *pode* me ajudar?”, tornando-se mais abstrato, porém com uma motivação essencial evidenciando a interface gesto-língua.

Desse modo temos a relação dos sinais icônicos-arbitrários, os quais sofrem mudanças através do tempo e evoluem na língua tonando-se sinais arbitrários. Ao investigarmos como esses sinais se tornaram arbitrários podemos identificar a iconicidade na sua origem de modo que a partir disso se possa fazer uma análise de sua motivação. Para explicarmos como a iconicidade contribui para o significado geral dos

sinais, podemos, também, descrever os parâmetros mínimos dos sinais para analisar se todos eles (os parâmetros) são icônicos ou não.

Retomando o exemplo de Correa (2007), temos o gesto emblemático ‘positivo’ (ver fig. 10a), que possui significado conforme descrevemos no item 3. O mesmo ocorre com o emblema “OK” (ver fig. 10b), relacionando à configuração de mão explorada no presente estudo.



Figura 10: Gestos Emblemas

Fonte: <http://www.canstockphoto.com.br/foto-imagens/positivo,-gesto.html>

Kendon (1995) analisou o gesto de mão formado pela ponta do dedo indicador em contato com a ponta do dedo polegar enquanto os demais dedos ficam em pé e abertos conhecido popularmente no Brasil como “OK” em várias conversas gravadas dentro de um discurso em língua italiana. Concluiu que esse gesto apresenta usos distintos no discurso, podendo ter um sentido pragmático, no contexto em que aparecem tópicos que exigem maior focalização, e em contextos que indicam algo que “foi bem feito”, “perfeito”, ou “exato”, sugerindo ideias como perfeição e precisão. Kendon argumenta que os usos desse gesto devem ser derivados do chamado *precision grip*, o gesto instrumental de pinçar necessário para pegar coisas muito pequenas e que exigem uma manipulação refinada do indicador e do polegar. Desse modo, a ação concreta de manipular coisas pequenas com refinamento pode ser metaforizada em termos de “focalização”, “perfeição”, “exatidão”, “boa qualidade”, “cuidado”, dentre outros sentidos.

Assim, a pesquisa de Kendon (1995) motiva diretamente a presente pesquisa. Se o gesto comunicativo derivado do gesto de pinçar já é utilizado produtivamente durante na gesticulação que co-ocorre com as línguas orais, como será que esse gesto ocorre nas línguas de sinais? Sabemos que as línguas de sinais não fazem uso da dimensão sonora, então elas devem explorar ao máximo a iconicidade e produtividade de configurações de mão como essa para produzir inúmeros sentidos. A hipótese deste estudo, portanto, é a de que a produtividade já existente no uso concreto e metafórico do emblema “OK” nas línguas orais deverá ser multiplicada ainda mais nas línguas de sinais, nas quais as possibilidades recombinativas de configuração, movimento e locação de mão são os recursos centrais de produção de sentidos – ao contrario do que acontece nas línguas orais.

Assim, este estudo pretende apresentar uma descrição de vários sinais que possuem essa configuração de mão, com a hipótese de que eles serão motivados ou pelo sentido mais concreto do gesto instrumental de *pinçar* (referente à operar com coisas pequenas) ou por sentidos mais abstratos de conceitos que envolvem cuidado, perfeição, exatidão, entre outros, que seriam metaforizações desse sentido concreto. Se demonstrarmos que na língua de sinais essa produtividade acontece, isso exigirá colocar a dupla articulação da linguagem em perspectiva, pois a economia e produtividade da língua não estarão necessariamente dependentes da arbitrariedade das unidades mínimas, como tradicionalmente se leva a crer (Nuckolls, 1999).

2.2.2. Iconicidade

Um campo teórico dos estudos linguísticos que já vem sendo desenvolvido a algum tempo, conhecido como Funcionalismo, tem dado atenção especial a questão da iconicidade (Martelotta, 2008, p.157). O funcionalismo se preocupa com a relação entre o sistema linguístico e os diferentes contextos comunicativos em que língua externa é usada na fala em sociedade, diferentemente do estruturalismo e do gerativismo.

Os funcionalistas acreditam que os gestos e os sinais utilizados nas diversas línguas de sinais são signos linguísticos de interação social e retiram seus dados em produções reais das línguas de sinais e gestos nos mais variados contextos de comunicação no uso interativo da língua e a partir deles observam, explicam, e analisam a estruturação linguística. Pelo fato de dar importância à língua em uso, então, aspectos da

prosódia e da gestualidade são naturalmente mais explorados nesse campo de estudo.

É necessário compreender melhor a visão funcionalista sobre a relação entre línguas de sinais e gestos, e como a cognição atua no processo de criação dos sinais e gestos⁴. Para o modelo funcionalista, dois aspectos direcionam o olhar do pesquisador para o uso, que são: a) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; b) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico.

Sendo assim, as línguas naturais, incluindo as línguas de sinais, constituem um conhecimento que será determinado pelos falantes a partir dos contextos de usos. O modelo funcionalista favorece o princípio de iconicidade por causa da motivação entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo) que revela o funcionamento da cognição e do universo social. A iconicidade do código linguístico está sujeita a pressões diacrônicas corrosivas tanto na forma quanto na função: a) o código (forma) sofre constante erosão pelo atrito fonológico, tendo sua forma diminuída (por exemplo, “em-boa-hora” > “embora”), um processo que, de forma análoga, se revela presente também nas línguas de sinais (Diniz, 2010); b) a mensagem (função) é constantemente alterada pela elaboração criativa através de processos metafóricos e metonímicos, (por exemplo, o valor espacial na conjunção “entretanto”, expresso originalmente pela preposição “entre”).

No nível morfológico e sintático, o princípio de iconicidade se apresenta em três subprincípios, que se relacionam à quantidade de informação, ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e à ordenação sequencial dos segmentos. Segundo o subprincípio da quantidade, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma palavra ou construção gramatical indica a complexidade do conceito que ela expressa. Este princípio pode aparecer na língua de sinais, pois embora ainda não tenha sido de fato objeto de pesquisa, podemos pensar na

⁴ Já exploramos em parte esse tema quando tratamos do processo de metaforização que permeia as línguas naturais, e aqui tocaremos mais no aspecto da iconicidade.

expressão do aspecto continuativo no verbo, que expressa uma ação que se repete ao longo do tempo, em contraposição ao aspecto pontual, que expressa uma ação localizada no tempo (Quadros e Karnopp, 2004). Nas línguas de sinais, o aspecto imperfeito é expresso pela reiteração do um verbo, como mostra a diferença entre os exemplos hipotéticos abaixo:



Figura 11: Verbo repetição ENTREGAR

Libras: ANO-PASSADO, LIVRO, JOÃO ENTREGAR ENTREGAR ENTREGAR

Língua Portuguesa: “No ano passado, João entregava livros”



Figura 12: Verbo singular ENTREGAR

Libras: ANO-PASSADO, JOÃO ENTREGAR LIVRO

Língua Portuguesa: “No ano passado, João entregou um livro”

O subprincípio da linearidade prevê que as informações na língua de sinais são ordenadas nas frases em uma sequência motivada pelo sinalizante, e se houver uma mudança nessa sequencialidade, há também

uma mudança de sentido. Temos vários exemplos desse fenômeno em livro de Quadros & Karnopp (2004, p. 139 até 156) que mostram que as ordenações das sentenças na Libras resultam da interação de outros mecanismos discursivos, como as estruturas de tópico e foco, que modificam a ordem das palavras.

Todos estes subprincípios descritos acima nos mostram que, dentro de uma perspectiva funcionalista, podemos demonstrar que a língua de sinais, assim como as línguas orais, apresenta motivações no léxico e na gramática que poderiam ser melhor exploradas se a linguística não assumisse a arbitrariedade como um princípio absoluto e oposto ao de iconicidade

3 – METODOLOGIA

Com base nos parâmetros de Stokoe, analisamos os sinais registrados em um dicionário de Libras moderno que permite a busca de sinais por meio de configurações de mão. A partir dele pudemos desenvolver uma pesquisa descritiva a fim de realizarmos a análise comparativa dos sinais, catalogando todos aqueles constituídos da configuração de mão referente ao gesto de pinçar. Após isso passamos a investigação da sua possível motivação icônica relacionada às nuances semânticas que Kendon (1995) demonstrou para o gesto de pinçar no italiano. Desse modo, poderemos explorar a relação entre o problema da dupla articulação (a produtividade e economia) e a iconicidade.

3.1 – CORPUS

O dicionário de Libras disponível no site <http://www.acessobrasil.org.br/libras/> é fruto do trabalho do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES - e possui a versão 2.1 online do ano 2008, o mais atualizado até este momento. Esse dicionário foi escolhido para o corpus porque tem três meios de busca diferentes que são: por ordem alfabética, por assunto e por configuração de mão – CM – (figura 14). Se optarmos pela busca através da CM podemos escolher uma que seja utilizada na realização de todos os sinais registrados no dicionário. Essa forma de localização facilita a catalogação das imagens bem como para o que propomos nesta pesquisa.

Utilizamos os seguintes passos abaixo:

1ª Passo: Abrimos o site citado acima:



Figura 13: Dicionário de Libras

2º Passo: Clicamos na sessão “MÃO”, em “ordem”, para abrir a lista das configurações de mão.



Figura 14: Busca pelas configurações de mão em Libras

3º Passo: Clicamos na configuração de mão do gesto de pinçar.

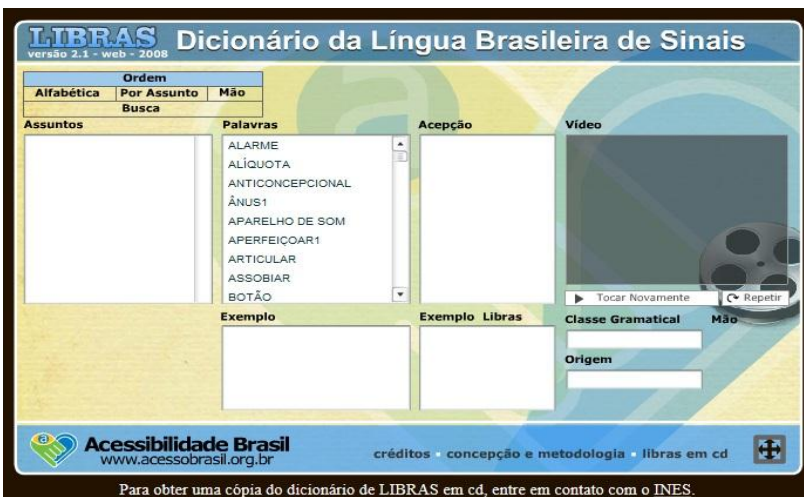


Figura 15: Os sinais (palavra) com a configuração de mão escolhida

4º Passo: Como resultado, foram apresentadas cento e doze entradas.

Figura 16: Resultado dos sinais que utilizam a configuração de mão pesquisada

5º Passo: Clicamos em cada sinal (palavra) para catalogar, descrever e analisar a configuração de mão com relação a sua possível iconicidade.

Na página do dicionário online temos nove janelas, são elas:

- Assuntos: apresenta as categorias na qual o sinal se insere, por exemplo, alimento, bebidas, animais, ano sideral, aparelhos, máquinas entre outras.
- Palavras: apresenta termos da Língua Portuguesa que estão relacionados ao sinal;
- Exemplo: apresenta uma frase em português com significado similar ao do sinal;
- Acepção: apresenta a definição do sinal utilizando a língua portuguesa;
- Exemplo Libras: apresenta uma frase em Libras por meio de uma transcrição por glosas;
- Vídeo: apresenta o sinal na Libras produzido pela tradutora/sinalizante e pode clicar quantas vezes que for necessário;
- Classe Gramatical: apresenta a classe referente ao sinal escolhido, por exemplo, substantivo, adjetivo, e outras.
- Origem: apresenta em qual língua de sinais tem origem aquele sinal.
- Mão: apresenta à configuração de mão adequada para o sinal solicitado.

Ao realizarmos o levantamento dos sinais que utilizam a configuração de mão referente ao gesto de pinçar, o principal problema de análise foi o uso de entradas (palavras) em Língua Portuguesa sendo que, em muitos momentos, as entradas eram distintas para um mesmo sinal, o que dificultava perceber a polissemia desses sinais e seus sentidos em Libras. Assim, foi preciso decidir quantos sinais seriam, efetivamente, utilizados para análise.

3.2 – CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

Inicialmente, foram catalogados todos os sinais apresentados pelo dicionário, retirando todas as imagens, um total de 112 (cento e doze) entradas, dos quais três não correspondem à configuração de mão pesquisada, desse modo, foram retirados os sinais com ordem 4, 79, e 110. Portanto, tirando esse primeiro erro de catalogação do dicionário, são somente cento e nove (109) entradas que foram analisados no dicionário.



4	ÂNUS1		CM → 
			Movimento → Não
			Locação → Espaço Neutro

Figura 17: Sinal ÂNUS foi retirado

79	OLIMPÍADAS		CM → 
			Movimento → NÃO
			Locação → OMBRO

Figura 18: Sinal OLIMPÍADAS foi retirado

110	VÍNCULO		CM → 
			Movimento → NÃO
			Locação → ESPAÇO NEUTRO

Figura 19: Sinal VÍNCULO foi retirado

As 109 entradas foram verificadas tendo como base a seguinte questão: as entradas são em Língua Portuguesa, desse modo, seria possível que

diferentes entradas estejam relacionadas a um mesmo sinal polissêmico? Nossa análise demonstrou que é possível, e ao final obtivemos 19 sinais polissêmicos que juntos, agrupavam 79 entradas. Assim, sobraram 30 entradas diferentes para serem analisadas com base na iconicidade de sua configuração de mão.

As entradas que se referem a um único sinal polissêmico são apresentadas abaixo, com uma breve justificativa do motivo de considera-las como diferentes acepções de um único sinal⁵. De modo geral, foi utilizado como critério para identificação de sinais o seu aspecto formacional, isto é, a característica dos seus parâmetros. Diferentes entradas com parâmetros iguais foram agrupadas sob um único sinal polissêmico, embora em alguns casos o conhecimento intuitivo do pesquisador tenha sido também utilizado para desconsiderar pequenas diferenças formacionais.

Segue abaixo os sinais polissêmicos:

1) Sinal Polissêmico: ALARME, ASSOBIAR.



1	ALARME		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de dentro para fora
			Locação → Boca
8	ASSOBIAR		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de dentro para fora
			Locação → Boca

Figura 20: Sinal Polissêmico 1

⁵ A questão da distinção entre um sinal e outro é bastante complexa. Muitas vezes, para mudar o sentido de um sinal, mantemos os vários parâmetros e fazemos uma mudança de movimento. Em que medida essa mudança deve ser interpretada como um modulação prosódica de um mesmo sinal, e em que medida ela deve ser interpretada como a produção de um novo sinal, não é uma questão simples de ser resolvida (Tarcísio de Arantes Leite, comunicação pessoal). Assim, a decisão abaixo sobre os itens polissêmicos do dicionário foi feita de forma ainda bem intuitiva e em caráter exploratório, sendo necessário ainda novos estudos para se chegar a critérios claros para a identificação de sinais.

Em alguns casos, o uso de uma configuração de boca específica entra como um parâmetro obrigatório na produção do sinal. A configuração de boca pode ser um gesto bucal próprio da língua de sinais – como no sinal de ROUBAR – ou pode ser um resquício da oralização de uma palavra no português – como no sinal SURDO, que é produzido com os lábios arredondados salientes na articulação “sur”. Este último tipo de configuração de boca, porém, nem sempre é parte integrante do sinal, pois, devido ao conhecimento do português, muitos surdos fazem gestos bucais referentes mas não iguais a palavras do português de forma natural durante a sinalização. No caso do sinal que aparece em 1 a 8, entendemos que a configuração de boca seja um exemplo similar ao de ROUBAR, isto é, um gesto bucal realizado de forma obrigatória como parâmetro constitutivo do sinal.

2) Sinal Polissêmico: ALÍQUOTA, PERCENTAGM, PORCENTAGEM




2	ALÍQUOTA		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, diagonal, de cima para baixo Locação → Espaço Neutro
86	PERCENTAGEM		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, diagonal, de cima para baixo Locação → Espaço Neutro
94	PORCENTAGEM		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, diagonal, de cima para baixo Locação → Espaço Neutro

Figura 21: Sinal Polissêmico 2

3) Sinal Polissêmico: ANTICONCEPCIONAL, CALMANTE, COMPRIMIDO2

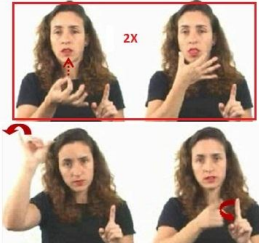


3	ANTICONCEPCIONAL		<p>CM → Pinça</p> <p>Movimento → Retilíneo, de fora para dentro, em direção ao rosto, com abertura dos dedos em pinça</p> <p>Locação → Boca + Espaço Neutro</p>
14	CALMANTE		<p>CM → Pinça</p> <p>Movimento → Retilíneo, de fora para dentro, em direção ao rosto, com abertura dos dedos em pinça</p> <p>Locação → Boca / Espaço Neutro</p>
27	COMPRIMIDO2		<p>CM → Pinça</p> <p>Movimento → Retilíneo, de fora para dentro, em direção ao rosto, com abertura dos dedos em pinça</p> <p>Locação → Boca</p>

Figura 22: Sinal Polissêmico 3

Em alguns casos, a produção do sinal composto apresenta, no primeiro item, o mesmo gesto de pinçar com a mesma motivação e significado e o segundo item do sinal é acrescido de outro significado, como os sinais compostos ANTICONCEPCIONAL E CALMANTE utilizam sinal COMPRIMIDO2 como base.



4) Sinal Polissêmico: APERFEIÇOAR1, PERFEITO

6	APERFEIÇOAR1		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, diagonal, de cima para baixo, uma única vez.
87	PERFEITO		CM → Anel Movimento → Retilíneo, diagonal, de cima para baixo Locação → Espaço Neutro

Figura 23: Sinal Polissêmico 4

O sinal APERFEIÇOAR é composto e usa sinal PERFEITO como base.

5) Sinal Polissêmico: ARTICULAR, ORGANIZAÇÃO, ORGANIZAR, PLANEJAMENTO, PLANEJAR, PLANO, PREPARAR, PROJETO, VAIDOSO1



7	ARTICULAR		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, para frente e para trás com as mãos alternadas Locação → Espaço Neutro
82	ORGANIZAÇÃO		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, para frente e para trás com as mãos

			alternadas Locação → Espaço Neutro
83	ORGANIZAR		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, para frente e para trás com as mãos alternadas Locação → Espaço Neutro
89	PLANEJAMENTO		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, para frente e para trás com as mãos alternadas Locação → Espaço Neutro
90	PLANEJAR		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, para frente e para trás com as mãos alternadas Locação → Espaço Neutro
91	PLANO		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, para frente e para trás com as mãos alternadas Locação → Espaço Neutro

96	PREPARAR	 <p>2x</p>	CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, para frente e para trás com as mãos alternadas
			Locação → Espaço Neutro
97	PROJETO	 <p>2x</p>	CM → Anel
			Movimento → Retilíneo
			Locação → Espaço Neutro
108	VAIDOSO1		CM → Pinça
			Movimento → Circular
			Locação → Espaço Neutro

Figura 24: Sinal Polissêmico 5

6) Sinal Polissêmico: CABO1, CANO, CHICOTE, SALSICHA, VARETA

11	CABO1		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, para direto e para esquerdo com as mãos alternadas
			Locação → Espaço Neutro
15	CANO		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, para direto e para esquerdo com as mãos alternadas
			Locação → Espaço Neutro

23	CHICOTE		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, para direito e para esquerdo com as mãos alternadas Locação → Espaço Neutro
52	FINO3		CM → Pinça Movimento → Uma mão faz o movimento retilíneo no meio para cima e outra mão parada Locação → Espaço Neutro
99	SALSICHA		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, para direito e para esquerdo com as mãos alternadas Locação → Espaço Neutro
109	VARETA		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, para direito e para esquerdo com as mãos alternadas Locação → Espaço Neutro

Figura 25: Sinal Polissêmico 6

O sinal CHICOTE e VARETA são compostos e utilizam sinal CABOI como base.

7) Sinal Polissêmico: CENTÍMETRO, DISTÂNCIA, LARGURA, METRO




19	CENTÍMETRO		CM → Pinça Movimento → Ambas mãos fazem o movimento retilíneo no meio para lados opostos Locação → Espaço neutro
42	DISTÂNCIA		CM → Pinça Movimento → Ambas mãos fazem o movimento retilíneo no meio para lados opostos Locação → Espaço Neutro
70	LARGURA		CM → Pinça Movimento → Ambas mãos fazem o movimento retilíneo no meio para lados opostos Locação → Espaço Neutro
74	METRO		CM → Pinça Movimento → Ambas mãos fazem o movimento retilíneo no meio para lados opostos Locação → Espaço Neutro

Figura 26: Sinal Polissêmico 7

8) Sinal Polissêmico: COMPLETAR, COMPLETO

24	COMPLETAR		CM → Pinça
			Movimento → Ambas mãos fazem o movimento retilíneo dos lados opostos para o meio em linhas paralelas
25	COMPLETO		CM → Pinça
			Movimento → Ambas mãos fazem o movimento retilíneo dos lados opostos para o meio em linhas paralelas
			Locação → Espaço Neutro
			CM → Pinça
			Movimento → Ambas mãos fazem o movimento retilíneo dos lados opostos para o meio em linhas paralelas
			Locação → Espaço Neutro

Figura 27: Sinal Polissêmico 8

9) Sinal Polissêmico: COMUNGAR, COMUNHÃO



28	COMUNGAR		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, cruz, de cima para baixo e de direito para esquerdo.
			Locação → Boca
29	COMUNHÃO		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, cruz, de cima para baixo e de direito para esquerdo.
			Locação → Boca

Figura 28: Sinal Polissêmico 9

10) Sinal Polissêmico: CORRENTE, GRILHÃO

33	CORRENTE		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de direto para esquerdo.
56	GRILHÃO		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de direto para esquerdo.
			Locação → Espaço Neutro

Figura 29: Sinal Polissêmico 10

11) Sinal Polissêmico: CUPIM, DENGUE, PERNILONGO







34	CUPIM		CM → Pinça
			Movimento → Semi-circular, de atrás para frente.
38	DENGUE		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de cima para baixo
88	PERNILONGO		CM → Anel
			Movimento → Semi-circular + Retilíneo, de cima para baixo
			Locação → Antebraço

Figura 30: Sinal Polissêmico 11

Os sinais compostos é o segundo item que tem o mesmo elemento formativo, como mostram os exemplos acima.



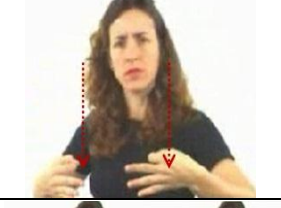

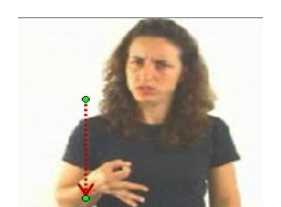

12) Sinal Polissêmico: DELEGACIA DE POLÍCIA, DELEGADO, DETETIVE, GUARDA, POLICIAL, XERIFE








36	DELEGACIA DE POLÍCIA		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo
			Locação → Peito
37	DELEGADO		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo
			Locação → Peito
39	DETETIVE		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo
			Locação → Peito
57	GUARDA		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo
			Locação → Peito
111	XERIFE		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo
			Locação → Peito

Figura 31: Sinal Polissêmico 12

13) Sinal Polissêmico: CERTO1, COMPREENDER, CONFIRMAR, DECENTE, DIREITO4, JUSTO, DISCRETO, ELEGANTE, EXATO,

FINO5, HONESTIDADE, HONESTO, JUSTO, OFICIAL3,
OFICIALIZAÇÃO, OFICIALIZAR, PRECISÃO

21	CERTO1		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma única vez Locação → Espaço Neutro
26	COMPREENDER		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma única vez Locação → Cabeça
30	CONFIRMAR		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma vez Locação → Espaço Neutro
35	DECENTE		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma vez Locação → Espaço Neutro
40	DIREITO4		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma única vez Locação → Espaço Neutro
41	DISCRETO		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma vez

			<p>Locação → Espaço Neutro</p> <p>CM → Pinça</p>
44	ELEGANTE		<p>Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma vez</p>
			<p>Locação → Espaço Neutro</p>
48	EXATO		<p>CM → Pinça</p>
			<p>Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma vez</p>
			<p>Locação → Espaço Neutro</p>
53	FINO5		<p>CM → Pinça</p>
			<p>Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma vez</p>
			<p>Locação → Espaço Neutro</p>
58	HONESTIDA DE		<p>CM → Pinça</p>
			<p>Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma vez</p>
			<p>Locação → Espaço neutro</p>
59	HONESTO		<p>CM → Pinça</p>
			<p>Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma vez</p>
			<p>Locação → Espaço Neutro</p>
69	JUSTO		<p>CM → Pinça</p>
			<p>Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma única vez</p>
			<p>Locação → Espaço Neutro</p>
76	OFICIAL3		<p>CM → Pinça</p>
			<p>Movimento → Retilíneo, de cima</p>




			para baixo, uma vez Locação → Espaço Neutro
77	OFICIALIZAÇÃO		CM → Pinça Movimento →Retilíneo, de cima para baixo, uma vez Locação → Espaço Neutro
78	OFICIALIZAR		CM → Pinça Movimento →Retilíneo, de cima para baixo, uma vez Locação → Espaço Neutro
95	PRECISÃO		CM → Pinça Movimento →Retilíneo, de cima para baixo, uma vez Locação → Espaço Neutro

Figura 32: Sinal Polissêmico 13

O uso do segundo item do sinal composto **COMPREENDER** é o mesmo elemento formativo do sinal **JUSTO**, e o primeiro item do sinal **PENSAR**. Então, **PENSAR**^**JUSTO** = **COMPREENDER**, demonstram o processo de produtividade da língua.

Já em outros casos, o uso de duas mãos ao invés de uma pode ser considerado um aspecto formacional que diferencia os sinais, como é o caso da distinção entre **IDADE** e **ANIVERSÁRIO**, ou **ACONTECIMENTO** e **FESTA**. Contudo, neste caso acima entendemos que o uso de duas mãos é apenas uma forma de dar maior ênfase ao conceito. Assim, os mesmos conceitos que são aqui apresentados com duas mãos poderiam também ser realizados com uma mão, apropriadamente, da mesma maneira que os conceitos apresentados com uma única mão poderiam ser realizados com duas mãos.

14) Sinal Polissêmico: ESTENDER1, ESTICAR1



45	ESTENDER1		CM → Pinça
			Movimento → Semi-circular do corpo para frente e para trás
47	ESTICAR1		CM → Pinça
			Movimento → Semi-circular do corpo para frente e para trás
			Locação → Espaço Neutro
			CM → Pinça
			Movimento → Semi-circular do corpo para frente e para trás
			Locação → Espaço Neutro

Figura 33: Sinal Polissêmico 14

15) Sinal Polissêmico: ESTENDER4, EXTENSO, FALANTE

46	ESTENDER4		CM → Pinça
			Movimento → Ambas mãos fazem o movimento angular no meio para atrás e frente opostos
			Locação → Espaço Neutro
49	EXTENSO		CM → Pinça
			Movimento → Uma mão faz o movimento retilíneo no meio para frente e outra mão parada
			Locação → Espaço Neutro
50	FALANTE		CM → Pinça
			Movimento → Ambas mãos fazem o

			movimento angular no meio para lados opostos
			Locação → Espaço Neutro

Figura 34: Sinal Polissêmico 15

16) Sinal Polissêmico: INGÊNUO, INOCENTE



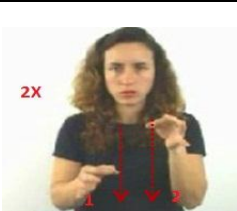

60	INGÊNUO		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de lado esquerda no meio para lado direita
			Locação → Testa
61	INOCENTE		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de lado esquerda no meio para lado direita
			Locação → Testa

Figura 35: Sinal Polissêmico 16

17) Sinal Polissêmico: JULGAMENTO, JULGAR, JÚRIDICO, JUSTIÇA




65	JULGAMENTO		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, para baixo e para cima com as mãos alternadas
			Locação → Espaço Neutro
66	JULGAR		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, para baixo e para cima com as mãos alternadas
			Locação → Espaço Neutro

67	JURÍDICO		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo / Retilíneo, para baixo e para cima com as mãos alternadas
68	JUSTIÇA		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo / Retilíneo, para baixo e para cima com as mãos alternadas
			Locação → Pescoço / Espaço Neutro

Figura 36: Sinal Polissêmico 17

O uso dos sinais compostos JÚRÍDICO e JUSTIÇA são, nesse caso, diferente de JULGAMENTO e JULGAR. Com base na minha intuição, essa composição não é muito produtiva e os surdos acabam usando exatamente o mesmo sinal – sem o primeiro item do composto – para produzir os sinais.

18) Sinal Polissêmico: APARELHO DE SOM, OPINAR, OPINIÃO, PALPITE, SOM



5	APARELHO DE SOM		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de cima para baixo, uma vez
			Locação → Espaço Neutro
80	OPINAR		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de dentro para fora, em direção na boca para espaço

			neutro em pinça Locação → Boca
81	OPINIÃO		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de dentro para fora, em direção na boca para espaço neutro em pinça Locação → Boca
84	PALPITE		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de dentro para fora, em direção na boca para espaço neutro em pinça Locação → Boca
101	SOM		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de dentro para fora, em direção na boca para espaço neutro em pinça Locação → Boca

Figura 37: Sinal Polissêmico 18

O uso do sinal composto APARELHO DE SOM, nesse caso, trata-se do mesmo significado combinado com sinal polissêmico SOM, apenas acrescido de outro sinal, APARELHO.

19) Sinal Polissêmico: UNIÃO, UNIFICAR, UNIR

104	UNIÃO		CM → Pinça Movimento → Neutro Locação → Espaço Neutro
105	UNIFICAR		CM → Pinça Movimento → Ambas mãos fazem o movimento retilíneo dos lados opostos para o meio em linhas paralelas

			Locação → Espaço Neutro
106	UNIR		CM → Pinça
			Movimento → Neutro
			Locação → Espaço Neutro

Figura 38: Sinal Polissêmico 19





Essas entradas precisaram ser agrupadas, pois fazem referência a diferentes acepções de um único sinal polissêmico e não necessariamente a outros sinais. A vantagem dessa primeira reorganização dos dados é que podemos perceber como alguns sinais, que utilizam a configuração de mão de gesto de pinçar, são altamente polissêmicas (CERTO¹, COMPREENDER, CONFIRMAR, DECENTE, DIREITO⁴, JUSTO, DISCRETO, ELEGANTE, EXATO, FINO⁵, HONESTIDADE, HONESTO, JUSTO, OFICIAL³, OFICIALIZAÇÃO, OFICIALIZAR, PRECISÃO). Isso nos permite explorar em que medida há uma motivação na configuração de mão do gesto de pinçar, com base na experiência humana de operar objetos pequenos e de forma precisa, podendo ser um primitivo semântico que, associado a outros elementos, compõe diferentes sentidos. A motivação icônica dos sinais será analisada na seção a seguir.





4 – ANÁLISE DOS DADOS




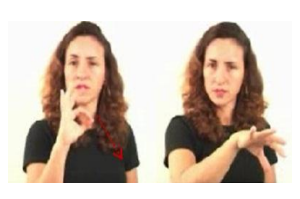

4.1. DESCRIÇÃO DOS DADOS






Diante do corpus que essa pesquisa apresenta podemos considerar que foram identificados três sinais que não correspondem ao gesto que a análise se baseia. Após isso trouxemos um agrupamento dos sinais polissêmicos (19 categorias, em um total de 79 entradas).






A seguir apresentaremos uma análise dos sinais que não se encaixaram nas categorias anteriores descritas (30 sinais) com o intuito de identificar se são sinais arbitrários ou icônicos de acordo com a configuração de mão do gesto de pinçar.






Nº	Ordem alfabética	Sinais	Parâmetros
9	BOTÃO		CM → Pinça
			Movimento → Semi-circular, de cima para baixo, repetidas vezes
			Locação → Peito
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um botão pequeno.			
10	CABELO		CM → Pinça
			Movimento → Sem movimento
			Locação → Cabeça
Gesto de pinçar motivado pelo gesto instrumental de segurar os fios de cabelo.			
12	CACAU		CM → Pinça
			Movimento → Semi-circular
			Locação → Mão
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um cacau pequeno.			
13	CADEADO		CM → Pinça
			Movimento → Fechar os dedos da união entre polegar e indicador
			Locação → Espaço Neutro

Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um cadeado pequeno.			
17	CATAPORA		CM → Pinça
			Movimento → Semi-círculo, de cima para baixo com as mãos alternadas, repetidas vezes
Locação → Rosto e peito			
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa marcas de catapora.			
18	CAUDA1		CM → Pinça
			Movimento → Sinuoso, da nadegas para a cima
Locação → Lombar			
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa a cauda dos animais			
20	CEREJA		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo
Locação → Espaço Neutro / Boca			
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa uma cereja pequena.			
22	CERTO2		CM → Pinça
			Movimento → Semi-circular, de cima para baixo, repetidas vezes
Locação → Espaço Neutro			
Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico, que relaciona com aspectos de precisão.			

31	CONTADOR3		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo
			Locação → Dedo anelar
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um anel do contabilista.			
32	COQUETEL		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, para baixo e para cima com as mãos alternadas
			Locação → Espaço Neutro/Boca
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um coquetel.			
43	ECLIPSE		CM → Pinça
			Movimento → Ambas mãos fazem o movimento retilíneo dos lados opostos para o meio em linhas paralelas
			Locação → Espaço Neutro
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um eclipse.			
51	FICHA1		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de dentro para fora, em direção ao espaço neutro, com abertura dos dedos em pinça
			Locação → Espaço Neutro
Gesto de pinçar pelo gesto instrumental de pegar e soltar uma ficha.			
54	FLUENTE1		CM → Anel
			Movimento → retilíneo, para lados opostos, repetidas vezes
			Locação → Espaço Neutro

Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico, que exige precisão da pronuncia.			
55	FOFINHO		CM → Pinça
			Movimento → Nulo / Angular, de cima para baixo
			Locação → Bochecha / Espaço
Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico, que exige precisão em ações delicadas.			
62	INTESTINO		CM → Pinça
			Movimento → Sinuoso, de cima para baixo
			Locação → Barriga
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um intestino dos seres humanos.			
63	IOGA		CM → Pinça
			Movimento → Neutro
			Locação → Espaço Neutro
Gesto de pinçar motivado pelo gesto típico associado à atividade de meditação e yoga.			
64	JABUTICABA		CM → Anel
			Movimento → Semi-circular, de cima para baixo
			Locação → Antebraço
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa uma jabuticaba.			
71	LUXO		CM → Pinça
			Movimento → Angular, de baixo para cima, repetidas vezes
			Locação → Espaço Neutro
Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico que demonstra sentido de superioridade e perfeição.			

72	MARIONETE		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo
			Locação → Retilíneo, para baixo e para cima com as mãos alternadas
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa a ação de manipular uma marionete.			
73	MEDONHO		CM → Pinça
			Movimento → Angular, para a frente
			Locação → Espaço Neutro
Não foi possível identificar possível motivação do sinal.			
75	NINGUÉM ²		CM → Pinça
			Movimento → Retilíneo, de lado esquerda no meio para lado direita
			Locação → Espaço Neutro
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um número “0”.			
85	PATINS		CM → Pinça
			Movimento → Semi-circular / Retilíneo
			Locação → Mão / Espaço Neutro
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa as rodas de um patins.			
93	PONTO7		CM → Pinça
			Movimento → Neutro
			Locação → Espaço Neutro
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um ponto de ônibus.			

98	ROSCA		CM → Pinça Movimento → Semi-circular, de cima para baixo Locação → Espaço Neutro
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa uma rosca.			
100	SIMPLES		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, para direita e para esquerda com as mãos alternadas Locação → Espaço Neutro
Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico, que exige demonstra idéia de algo singelo.			
102	TIRA-GOSTO		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de fora para dentro, em direção ao espaço neutro para boca, com os dedos em pinça Locação → Boca
Gesto de pinçar pela ação do gesto instrumental de pegar coisas pequenas para comer.			
103	TRIPA		CM → Pinça Movimento → Uma mão faz o movimento angular do centro para baixo e a outra mão parada Locação → Espaço Neutro
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa uma tripa.			
107	UVA		CM → Pinça Movimento → Retilíneo, de dentro para fora, em direção na boca para espaço neutro em pinça Locação → Boca

Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa uma uva.			
112	ZERO2		CM → Pinça
			Movimento → Semi-circular, de lado esquerda no meio para lado direita
			Locação → Espaço Neutro
Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um número “0”.			

Figura 39: Sinais analisados


Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico relacionando a um determinado som agudo.

Figura 40: Sinal Polissêmico 1 analisado


Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um símbolo “%”.

Figura 41: Sinal Polissêmico 2 analisado



Gesto de pinçar motivado pela ação de tomar um comprimido, formado pela união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um comprimido.

Figura 42: Sinal Polissêmico 3 analisado



Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico relacionado à precisão e perfeição.

Figura 43: Sinal Polissêmico 4 analisado



Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico que relaciona ao manuseio de forma cuidadosa.

Figura 44: Sinal Polissêmico 5 analisado



Figura 45: Sinal Polissêmico 6 analisado



Figura 46: Sinal Polissêmico 7 analisado



Figura 47: Sinal Polissêmico 8 analisado



Figura 48: Sinal Polissêmico 9 analisado



Figura 49: Sinal Polissêmico 10 analisado



Figura 50: Sinal Polissêmico 11 analisado



Figura 51: Sinal Polissêmico 12 analisado



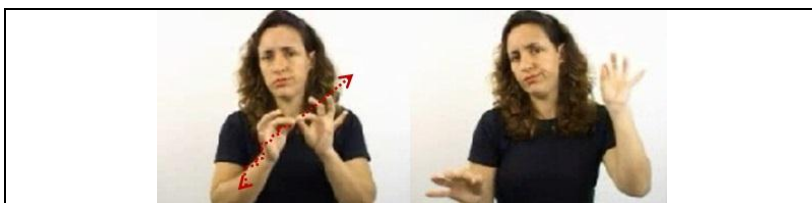
Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico, que relaciona com aspectos de precisão.

Figura 52: Sinal Polissêmico 13 analisado



Gesto de pinçar motivado pelo gesto instrumental de segurar o lençol ou uma roupa.

Figura 53: Sinal Polissêmico 14 analisado



Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico, que relaciona com o passar do tempo.

Figura 54: Sinal Polissêmico 15 analisado



Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa um número “0”.

Figura 55: Sinal Polissêmico 16 analisado



Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar que, iconicamente representa uma balança.

Figura 56: Sinal Polissêmico 17 analisado



Gesto de pinçar motivado pelo aspecto operacional do gesto metafórico, que se relaciona com as ondas sonoras.

Figura 57: Sinal Polissêmico 18 analisado



Gesto de pinçar motivado pela forma arredonda da união entre o dedo indicador e o polegar, que iconicamente representa uma corrente.

Figura 58: Sinal Polissêmico 19 analisado

4.2 – DISCUSSÃO DOS DADOS

A escolha desse dicionário de Libras foi fundamental para a análise, da configuração de mão do “gesto de pinçar” devido ao modo que se apresenta em janelas, divididas em assuntos, palavras, exemplo, acepção, exemplo em Libras, vídeo, classe gramatical, origem, e configuração de mão. Com os sinais encontrados foi possível analisar os parâmetros da língua de sinais e comparar com a proposta de Kendon.

Durante a pesquisa encontramos as seguintes questões:

- Ao clicarmos no gesto de pinçar na tabela de configurações de mão do dicionário, encontramos um total de 112 entradas, mas 03 deles não eram compatíveis com a configuração de mão em pinça.

- Nas entradas apresentadas pelo dicionário, encontramos 19 categorias de sinais polissêmicos que totalizam 79 entradas.

Analisando a descrição dos dados acima apresentada, é possível ainda tecer algumas considerações sobre a motivação icônica da configuração de mão relativa ao gesto de pinçar:

- Dentre os sinais analisados, encontramos 5 sinais motivados e produzidos pelos gestos instrumentais de pinçar, baseado na experiência humana vivida no mundo, pelo ato concreto de pegar objetos pequenos, embora o gesto instrumental de pinçar não seja a única motivação para essa configuração de mão. Essa motivação é certamente produtiva pois é encontrada em vários sinais.



Figura 59: Sinais motivados pelos gestos instrumentais

Entre os cinco sinais, podemos destacar um deles o sinal para CABELO ele descreve um sinal altamente concreto, sendo construído por meio de uma sinalização icônica. Esse sinal revela a linha tênue entre os gestos instrumentais e os gestos comunicativos, ao mesmo tempo em que nos mostra como é relevante a análise sobre motivação icônica do gesto de pinçar na Libras. Nesses casos o gesto de pinçar pode ser a origem para a existência dessa configuração de mão em sinais.

- Deparamos com 11 sinais motivados por metafóricizações e que tem sua produção pelo gesto de pinçar.









		
FLUENTE1	FOFINHO	IOGA
		
LUXO	SIMPLES	SINAIS POLISSÊMICOS 1
		
SINAIS POLISSÊMICOS 4	SINAIS POLISSÊMICOS 5	SINAIS POLISSÊMICOS 8















Figura 60: Sinais motivados por metaforizações

Todos esses sinais revelam processos de metaforização do gesto de operar com coisas pequenas. Em alguns casos, as metaforizações tratam de sentidos abstratos como “perfeição, exatidão” e, em outros casos, “delicadeza, cuidado”. Combinados com os demais parâmetros dos sinais, essa nuance semântica contribui para produzir as diferentes acepções que os sinais apresentam (por exemplo, o sinal JUSTO envolve a metáfora OPERAR OBJETO PEQUENO É AGIR COM EXATIDÃO, e a realização do sinal ao longo do corpo do sinalizante acrescenta a esse sentido a nuance do indivíduo que age com “exatidão” ou “correção” do ponto de vista moral).

- Foram encontrados 29 sinais motivados não pelo gesto instrumental de pinçar, mas sim pela forma arredondada do indicador e do polegar, que permite uma iconicidade direta (concreta) com objetos redondos..



 <p>2X</p>	 <p>2X</p>	
<p>CONTADOR3</p>	<p>COQUETEL</p>	<p>ECLIPSE</p>
		 <p>2X</p>
<p>INTESTINO</p>	<p>JABUTICABA</p>	<p>MARIONETE</p>
 <p>3X</p>		 <p>2X</p>
<p>NINGUÉM2</p>	<p>PATINS</p>	<p>PONTO7</p>
		 <p>2X</p>
<p>ROSCA</p>	<p>TRIPA</p>	<p>UVA</p>
	 <p>2X</p>	 <p>2X</p>
<p>ZERO2</p>	<p>SINAIS POLISSÊMICOS 2</p>	<p>SINAIS POLISSÊMICOS 3</p>

		
SINAIS POLISSÊMICOS6	SINAIS POLISSÊMICOS9	SINAIS POLISSÊMICOS10
		
SINAIS POLISSÊMICOS11	SINAIS POLISSÊMICOS12	SINAIS POLISSÊMICOS 16
		
SINAIS POLISSÊMICOS 17	SINAIS POLISSÊMICOS 19	

Figura 61: Sinais icônicos

- Encontramos 01 sinal sem motivação clara



Figura 62: Sinal sem motivação

O sinal MEDONHO foi analisado, mas, não desvendamos sua motivação. Talvez seja o caso de um sinal cuja motivação foi perdida ao longo do tempo e dificilmente pode ser recuperada.

- Encontramos 14 sinais compostos que apresentam no primeiro ou no segundo item da composição o gesto de pinçar, que juntamente com o outro item da composição altera o significado. Temos como exemplo os sinais ANTICONCEPCIONAL e CALMANTE.

<p>ANTICONCEPCIONAL</p>	<p>CALMANTE</p>	<p>APERFEIÇOARI</p>
<p>CHICOTE</p>	<p>VARETA</p>	<p>CUPIM</p>
<p>COMPREENDER</p>	<p>JÚRIDICO</p>	<p>JUSTIÇA</p>
<p>APARELHO DE SOM</p>	<p>CEREJA</p>	<p>COQUETEL</p>



Figura 63: Sinais compostos

Assim, os sinais com configuração de mão em pinça presentes no dicionário foram analisados em termos de sua motivação icônica, em alguns casos direta, em alguns casos metafórica. Percebe-se que grande parte dos sinais são icônicos, mas dentro do corpus encontramos o sinal referente a MEDONHO cuja motivação não pôde ser conjecturada. Com esse resultado percebemos que o corpus favoreceu a análise do gesto de pinçar, colocando em perspectiva a noção da dupla articulação da linguagem, que prevê que não há significado nas menores unidades da língua.

5 – CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como base os estudos científicos das línguas naturais, com foco sobre os conceitos de gestualidade e iconicidade nas línguas naturais.

O corpus dessa pesquisa que utilizou o dicionário virtual possibilitou os sinais serem levantados, descritos em seus três parâmetros: configuração de mão, movimento, e locação. Mas, neste trabalho escolhemos como objeto de análise apenas um deles, a configuração de mão de pinçar, para analisarmos e construirmos um novo olhar sobre a arbitrariedade e iconicidade utilizando a proposta de Kendon (1995).

Temos como resultado da pesquisa, de que a configuração de mão em pinça possui significado devido à utilização dos gestos, favorecendo a dupla articulação da linguagem.

As línguas faladas são todas arbitrarias, porém as pesquisas com línguas de sinais tem demonstrado que o princípio de arbitrariedade não contradiz o princípio da motivação. A arbitrariedade não é ausência de motivação, mas sim a impossibilidade de se recuperar a motivação de um dado signo linguístico. A iconicidade encontra-se presente nas línguas de sinais, mais do que nas línguas faladas, e isso deve-se à característica visual das línguas de sinais, que possibilitam explorar mais ricamente essa iconicidade. Estudos das línguas de sinais podem portanto disponibilizar um base de dados crítica para pesquisas comparativas nesse campo do estudo linguístico.

Com esse trabalho, podemos estabelecer dois caminhos, o primeiro está restrito aos estudos das línguas de sinais, pois é possível a partir de agora que outras configurações de mão, bem como outros parâmetros, sejam investigados em relação à sua motivação de modo a realizar novas contribuições sobre a tendência a iconicidade ou arbitrariedade nas línguas de sinais; o segundo caminho envolve todas as línguas naturais, pois ao oferecermos um novo olhar sobre a arbitrariedade e iconicidade nas línguas de sinais, podemos estimular pesquisas sobre a iconicidade nas línguas orais, como as que já existem na área do simbolismo sonoro e da iconicidade gramatical.

6 – BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

FERREIRA BRITO, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GIVÓN, TALMY. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HOPPER, PAUL J.; THOMPSON, SANDRA. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, v;56. N. 2, jun. 1980.

KENDON, A. "Andrea De Jorio: the first ethnographer of gesture" *Visual Anthropology*, 1995.

KENDON, A. (1980). Gesticulation and speech: two aspects of the processo of utterance. In: M.R. Key (Ed0. **The relationship of verbal and nonverbal communication**. The Hague: Mouton, p; 207-227.

KENDON, A. (2004). *Gesture: Visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press.

KLIMA, E., BELLUGI, U. et al. **The Signs of Language**. Cambridge MA: Harvard University Press. 1979

LAKOFF, GEORGE. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras/Educ, 2002

LAKOFF, GEORGE; JOHNSON, MARC. *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. (2001). Discourse in cognitive grammar. *Cognitive Linguistics*, v. 12, n.2, p. 143-188.

LEITE, T.A. (2008). *A segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de doutorado. São Paulo: USP.

MARTELOTTA, MARIO EDUARDO, Manual de lingüística. 1. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

McNEILL, D. (1992). **Hand and mind**. Chicago: University of Chicago Press.

NUCKOLLS, J. B. (1999). The case for sound symbolism. Annual Review of Anthropology, v. 28, p. 225-252.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. (2004) *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos*. Porto Alegre. Artmed

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 2006.

STOKOE, W. Sign Language Structure: An outline of the visual communication system of the American deaf. **Studies in Linguistics**, Occasional Papers No 8. 1960

TAUB, SARAH F., Iconicity in American sign language: concrete and metaphorical applications - Spatial Cognition and Computation 2: 31–50, 2000.

WILCOX, SHERMAN (2004a). Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. Cognitive Linguistics, v.15, n. 2, p. 119-147.

WILCOX, SHERMAN (2004b), *Gesture and language*, Cross-linguistic and historical data from signed languages, v.4, n. 1, p. 43-73.